



Introdução

É claro que nenhuma visão da pessoa e obra de Cristo separada do contexto do Reino [de Deus] pode afirmar refletir um modo de pensamento bíblico.¹

David Wells está correto. Uma boa compreensão do Reino de Deus é indispensável para uma compreensão apropriada de Cristo e da redenção que ele proveu. O Reino de Deus é uma categoria bíblica muito extensa de fato. Portanto, uma compreensão abrangente do reino acaba por iluminar muitos aspectos da teologia. Contudo, não é fácil obter tal compreensão! A tentativa de obter uma compreensão abrangente do Reino de Deus é de fato um convite a muitos problemas. Começamos com a consideração de um desses problemas.

AS AFIRMAÇÕES DE JESUS SOBRE O REINO PARECEM CONTRADITÓRIAS

À primeira vista, as afirmações de Cristo concernentes ao reino parecem contraditórias.

O reino é presente ou futuro?

Mas se é pelo Espírito de Deus que eu expulso demônios, então chegou a vocês o Reino de Deus (Mt 12.28).

Eu lhes digo que, de agora em diante, não beberei deste fruto da videira até aquele dia em que beberei o vinho novo com vocês no Reino de meu Pai (Mt 26.29).

¹ David F. Wells, *The Person of Christ: A Biblical and Historical Analysis of the Incarnation* (Westchester, IL: Crossway, 1984), p. 23.



O reino diz respeito à salvação ou ao julgamento?

Então o Rei dirá aos que estiverem à sua direita: “Venham, benditos de meu Pai! Recebam como herança o Reino que lhes foi preparado desde a criação do mundo” (Mt 25.34).

O Reino dos céus é ainda como uma rede que é lançada ao mar e apanha toda sorte de peixes. Quando está cheia, os pescadores a puxam para a praia. Então se assentam e juntam os peixes bons em cestos, mas jogam fora os ruins. Assim acontecerá no fim desta era. Os anjos virão, separarão os perversos dos justos e lançarão aqueles na fornalha ardente, onde haverá choro e ranger de dentes (Mt 13.47-50).

O reino quer dizer que Deus governa ou é o local onde ele governa?

Você ficará grávida e dará à luz um filho, e lhe porá o nome de Jesus. Ele será grande e será chamado Filho do Altíssimo. O Senhor Deus lhe dará o trono de seu pai Davi, e ele reinará para sempre sobre o povo de Jacó; seu Reino jamais terá fim (Lc 1.31-33).

Vocês são os que têm permanecido ao meu lado durante as minhas provações. E eu lhes designo um Reino, assim como meu Pai o designou a mim, para que vocês possam comer e beber à minha mesa no meu Reino e sentar-se em tronos, julgando as doze tribos de Israel (Lc 22.28-30).

Essas questões, é claro, fornecem escolhas falsas, e um exame mais profundo das palavras de Jesus revelam que ele vê o reino como multifacetado. Ele fala do reino como presente e futuro, como incluindo a salvação e o julgamento, como englobando governo e local. Além disso, o reino diz respeito aos seres humanos, aos anjos e também aos céus e à terra.

JESUS ENFATIZA O REINO

A mensagem de Jesus, do começo ao fim, enfatiza o reino de Deus. Mateus resume o ministério inicial de Jesus na Galileia: “Jesus foi por toda a Galileia, ensinando nas sinagogas deles, pregando as boas novas do Reino e curando todas as enfermidades e doenças entre o povo” (Mt 4.23). Jesus, perto do meio de seu ministério, defende-se contra a acusação ímpia de ser por Satanás que expulsa demônios: “Mas se é pelo dedo de Deus que eu expulso demônios, então chegou a vocês o Reino de Deus” (Lc 11.20). E Jesus, na presença de Pilatos antes de sua crucificação, declara: “O meu Reino não é deste mundo. Se fosse, os meus servos lutariam para impedir que os judeus me prendessem. Mas agora o meu Reino não é daqui” (Jo 18.36).

VISÕES TOTALMENTE DIVERGENTES DO REINO

Quando Jesus fala do reino, ele enfatiza a ação de Deus. R. S. Barbour afirma corretamente: “O Reino de Deus, por esse tema ser tão central para Jesus, tem a tendência de se tornar uma frase que se aplica a uma variedade de compreensões dessa ação no mundo”.² Essa exposição, conforme demonstram citações de representantes das cinco perspectivas do reino: o liberalismo clássico, o “evangelho social”, a teologia da libertação, o reconstrucionismo cristão e o evangelicalismo pós-moderno, é incompleta.

Primeiro, Adolf von Harnack: o clássico teólogo liberal:

O Reino de Deus vem ao vir para os indivíduos, ao entrar na alma destes e apreendê-la. Verdade, o Reino de Deus é a regra de Deus; mas é a regra do Deus santo no coração dos indivíduos; *é Deus mesmo em seu poder*. Desse ponto de vista, tudo que é dramático no sentido histórico e externo desaparece; e também se vão todas as esperanças externas para o futuro. Pegue a parábola que desejar — do semeador, da pérola preciosíssima, do tesouro enterrado no campo —, a Palavra de Deus, Deus mesmo, é o reino. Não é uma questão de anjos e demônios, tronos e principados, mas de Deus e da alma, a alma e seu Deus.³

Segundo, Walter Rauschenbusch, o “pai do evangelho social”:

O evangelho social [...] contrasta plenamente com o interesse religioso sobre os grandes problemas éticos da vida social. Despreza o dízimo da hortelã, da erva-doce e do cominho, com o qual os fariseus ainda se ocupam, e insiste em tratar de assuntos mais de peso da lei, da justiça e da misericórdia. [...] As práticas e as crenças não éticas no cristianismo histórico se centram, quase todas elas, na conquista do céu e da imortalidade. O Reino de Deus, por sua vez, não pode ser estabelecido por nada, exceto a vida e a ação justas. Não há nada no cristianismo social capaz de fomentar ou reforçar a superstição. Quanto mais o evangelho social se engaja com o pensamento teológico e o inspira, mas a religião se centrará na justiça ética.⁴

² *The Oxford Companion to Christian Thought*, ed. Adrian Hastings et al. (Oxford: Oxford University Press, 2000), p. 370.

³ Adolf von Harnack, *What Is Christianity?* (New York: Harper, 1956), p. 56, grifos no original.

⁴ Walter Rauschenbusch, *A Theology for the Social Gospel* (New York: Macmillan, 1917), p.15.

Terceiro, Gustavo Gutiérrez, o mais famoso teólogo da libertação:

Se acreditamos que o Reino de Deus é uma dádiva recebida na história, e se cremos, conforme as promessas escatológicas — tão carregadas de conteúdo histórico e humano —, nos indicam, que o Reino de Deus implica necessariamente no reestabelecimento da justiça neste mundo, então temos de crer que Cristo afirma que o pobre é abençoado *porque* o Reino de Deus já teve início: “O tempo é chegado. [...] O Reino de Deus está próximo. Arrependam-se e creiam nas boas-novas!” (Mc 1.15). Em outras palavras, a eliminação da exploração e da pobreza que impede o pobre de ser total e plenamente humano; um reino de justiça que vai muito além do que poderiam esperar teve início. Eles são abençoados porque a vinda do reino porá um fim à pobreza deles ao criar um mundo de comunhão.⁵

Quarto, R. J. Rushdoony, o reconstrucionista cristão original:

A igreja, para garantir a continuidade do reino de Cristo na terra, foi estabelecida para estender por toda a terra os direitos da coroa do Senhor da Glória e para fazer discípulos de todas as nações (Mt 28.18-20). O poder sobrenatural da igreja fiel e verdadeira de Cristo é tão grande que as próprias portas do inferno não prevalecem contra ela nem conseguem deter seu avanço (Mt 16.18). [...] O Novo Testamento conta-nos que Jesus Cristo é o Senhor da Glória. O Estado moderno, portanto, tem a obrigação de deixar o Senhor entrar e se submeter a ele, e não controlá-lo. [...] Na Escritura, o Estado tem um ministério específico, a ministração da justiça (Rm 13.1). Seu lugar no plano de Deus é real, mesmo que limitado. O Estado tem de ser servo do Messias.⁶

Cinco, Brian McLaren, um influente evangélico pós-modernista:

As boas novas do reino, de acordo com ele, não passam de uma história do céu invadindo a terra e transformando-a, salvando-a e curando-a. [...] Uma *ecclesia* [uma igreja] é uma reunião de pessoas que se identificam como cidadãos do Reino de Deus e que vivem de acordo com um chamado mais sublime — o caminho de Jesus e sua mensagem do reino. [...] O Reino de Deus, conforme disse Jesus, era “para pregar boas novas aos pobres” (Lc 4.18). Há, com certeza, uma dimensão pessoal para o

⁵ Gustavo Gutiérrez, *A Theology of Liberation* (Maryknoll, NY: Orbis, 1988), p. 170–71, grifos no original.

⁶ R. J. Rushdoony, *Christianity and the State* (Vallecito, CA: Ross House, 1986), p. 33, 72, 74.



Reino de Deus na qual temos um relacionamento pessoal com o Rei. Contudo, há também uma dimensão social para o Reino de Deus, uma dimensão que desafia os pressupostos humanos (e religiosos) sobre a paz, a guerra, a prosperidade, a pobreza, o privilégio, a responsabilidade, a religião e Deus.⁷

NOSSO OBJETIVO

Apresentamos aqui cinco concepções distintas sobre o Reino de Deus — cada uma delas contendo pelo menos um elemento de verdade. No entanto, cada uma delas falha em captar a mensagem bíblica completa sobre o Reino de Deus. Parece que fazer isso é uma tarefa difícil, conforme explica Howard Marshall:

Apesar de a frase [Reino de Deus] ser o assunto de muita pesquisa bíblica em anos recentes e ser aventada com grande frequência nas discussões da ação social cristã, infelizmente é bastante comum seu uso de um modo vago e sem uma exposição bíblica clara nas igrejas sobre o sentido do termo.⁸

O propósito deste livro é remediar essa situação. Busca captar uma compreensão mais plena do Reino de Deus que qualquer uma das cinco concepções acima. Como? Ao adotar as perspectivas ética, teológica, bíblica e histórica, procura se mover o mais próximo possível de uma exposição abrangente do reino.

UM MAPA DO CAMINHO

Um mapa do caminho guiará os leitores. Stephen J. Nichols dá início a esse objetivo com “O Reino de Deus: O reino em perspectivas contemporâneas e históricas”, em que demonstra as diferenças e as similaridades das mais variadas ideias do reino ao longo da história as implicações delas para a teologia e a vida hoje. Quatro capítulos sobre o reino na Escritura ancoram esse volume. Bruce K. Waltke lança escoras ao tratar de “O Reino de Deus no Antigo Testamento: Definições e narrativa” e “O Reino de

⁷ Brian McLaren, <http://pomomusings.com/2008/01/14/brian-mclaren-on-the-kingdom-of-god/>.

⁸ I. Howard Marshall, *Jesus the Saviour: Studies in New Testament Theology* (Downers Grove, IL: InterVarsity, 1990), p. 213.



Deus no Antigo Testamento: As alianças”. Robert W. Yarbrough constrói sobre elas nos capítulos que dão continuidade à história bíblica em “O Reino de Deus no Novo Testamento: Mateus e Apocalipse” e “O Reino de Deus no Novo Testamento: Marcos e as epístolas”.

Um fundamento bíblico é essencial, mas, para construir uma edificação teológica, precisamos de uma superestrutura. Os quatro capítulos seguintes fazem isso. Clinton E. Arnold trata de “O reino, os milagres, Satanás e os demônios” no “já” e no “ainda não”. Gregg R. Allison explora o complexo relacionamento de “O reino e a igreja” e suas ramificações para a missão da igreja. Gerald Bray considera o presente e o futuro e também o tempo e a eternidade em “O reino e a escatologia”. E Anthony B. Bradley conclui ao aplicar a teologia do reino a oito princípios de ortopraxia e justiça em “O reino hoje”.

Christopher W. Morgan e Robert A. Peterson